

“Ou se torna a profissão minimamente atractiva ou provavelmente vamos ter de recorrer a professores estrangeiros, nomeadamente brasileiros”

Quais as expectativas do Sindicato dos Professores da Região Açores (SPRA) para o novo ano lectivo que agora começa? Quais os aspectos positivos e os negativos que ressalva?

António Lucas (Sindicato dos Professores da Região Açores) - Destacava o aspecto positivo que tem a ver com a recuperação do tempo de serviço. No passado dia 1 de Setembro, nos termos da lei, foram contabilizados já 426 dias e este processo irá decorrer anualmente até 2024.

Do ponto de vista global, permite a recomposição da carreira docente. Sem a recuperação deste tempo de serviço, a esmagadora maioria dos professores nunca passaria do segundo terço da carreira. Portanto, isto permite a concretização de uma carreira que está prevista na lei e que, com esta recuperação, os professores podem ver a luz ao fundo do túnel e poderão chegar ao topo de carreira durante a sua vida profissional. Este é o principal aspecto positivo que queremos destacar.

Destacamos também o facto de na primeira ronda de contratação já terem sido colocados menos professores, o que implica uma redução da precariedade docente nos Açores tendo em conta que o Governo respondeu ao nosso desafio feito no início da legislatura, de ao longo da legislatura serem colocados nos quadros da Região 400 professores. Isso tem sido cumprido.

Nos últimos três anos entraram 300 professores, temos a expectativa que no próximo ano entrem mais 100 e esse é também um aspecto positivo que devemos destacar.

O aspecto mais negativo que devemos ver os resultados, eventualmente negativos ao longo do ano, tem a ver com a implementação do processo de reorganização curricular nos Açores. No sindicato fizemos um parecer sobre essa matéria, que aliás, foi coincidente com pareceres enviados pela maioria das escolas, que indicavam que este processo necessitava de mais tempo para a sua implementação.

Não estou aqui a discutir a pertinência ou não da reorganização curricular, estou a discutir a forma como foi operacionalizada. À semelhança do nosso parecer, as escolas também consideraram que tinham muito pouco tempo para fazer a discussão e implementação da reorganização curricular nas escolas. A verdade é que se isto correr bem, deve-se essencialmente ao trabalho das direcções das escolas e dos professores. Porque este processo implicou que as escolas funcionassem com horários diferenciados para turmas diferentes, e lembro que por exemplo este



ano a reorganização curricular abrange apenas o 1º ano, 5º ano e 7º ano do ensino básico, que estão a funcionar com outros paradigmas diferentes. Quer paradigmas temporais, quer da própria estrutura curricular, diferente dos colegas dos outros anos, tal como os professores que vão ter também horários diferenciados em função dos anos que leccionam sejam anos já abrangidos pela reorganização curricular ou não abrangidos pela reorganização curricular.

Isto para não falar de outros aspectos que também são pertinentes e que têm a ver com os transportes escolares, e que as escolas tiveram de fazer adaptações aos próprios transportes escolares.

Ressalvava sobretudo este processo como negativo e que claramente o tempo que foi dado às escolas para se adaptarem foi insuficiente e não encontramos nenhuma explicação para que este processo não se implementasse no próximo ano lectivo 2020/2021 em vez de ser no ano lectivo

2019/2020.

Quando fala na reorganização curricular isso também tem a ver com a questão da disciplina de História, Geografia e Cultura dos Açores?

Essa disciplina já tem um enquadramento legal há muito tempo, penso que desde 2014 se bem me lembro. Mas apesar de já estar na lei, só há dois anos é que começou a ser implementada esta disciplina. Não é propriamente uma novidade. A grande novidade foi fazer a disciplina de História, Geografia e Cultura dos Açores fazer parte do próprio processo de reorganização curricular.

Já estava previsto na lei que esta disciplina devia ser dada de forma autónoma ou transversal, tal como esta agora previsto com a reorganização curricular.

Apesar da comunicação social ter dado uma grande cobertura à disciplina da História, Geografia e Cultura dos Açores, a verdade é que ela já estava na lei e já estava posta em prática há pelo menos dois anos.

Em todas as escolas?

Não lhe posso garantir em absoluto mas tenho quase a certeza que quase todas as escolas ou como disciplina autónoma ou de forma transversal, já ensinavam a História, Geografia e Cultura dos Açores.

A propósito do último relatório da OCDE sobre educação, volta a afirmar-se que Portugal é um dos países em que o envelhecimento da classe docente foi mais rápido. Enquanto Sindicato, como se pode contornar esta evidência?

Primeiro, convinha explicar porque é que isto aconteceu. Isto aconteceu pela conjugação de vários factores. O primeiro foi o ataque a que

a profissão tem sido sujeita do ponto de vista político desde 2007. Uma carreira e uma profissão que eram minimamente atractivas, quer do ponto de vista da carreira como dos índices remuneratórios, deixou de o ser.

A carreira docente só é atractiva em termos remuneratórios, no último terço da carreira. Se as pessoas não progrediam, não podiam chegar aos índices remuneratórios que eram mais atractivos. E começou a passar uma imagem clara que a profissão estava em processo de proletarização. Os professores do início da carreira ganham cerca de 1.100 euros e muitas vezes têm de pagar duas casas. Não é claramente uma profissão atractiva.

A verdade é que o envelhecimento da profissão também decorre do facto das Universidades praticamente terem deixado de formar professores. Vamos ter aqui um hiato muito grande, quando estas pessoas se reformarem, porque durante 10 anos praticamente não saíram professores das Universidades. Isto é um problema grave em termos sociais e até em termos políticos. Não sei como é que se vai resolver nos próximos 10 anos. Ou se torna a profissão minimamente atractiva para que os jovens se voltem a matricular em cursos de ensino nas Universidades, ou provavelmente vamos ter de recorrer a professores estrangeiros, nomeadamente brasileiros.

Não consigo encontrar uma solução que resolva o problema, que vamos começar a verificar de forma agravada nos próximos 10 anos. Mas isto tem de ser também uma preocupação dos políticos e a primeira preocupação deve ser valorizar a profissão para torná-la novamente atractiva.

Quando diz tornar a profissão atractiva, fala apenas ao nível remuneratório?

Sobretudo. Mas como sabe apesar de termos uma profissão envelhecida, a maior parte dos professores trabalha hoje mais horas na escola do que trabalhava antes de 2007. Apesar de estarem mais velhos e de eventualmente terem já as reduções de serviço. Mas os processos tomaram-se tão burocratizados que as pessoas ficam cansadas. Entram de manhã e saem ao fim da tarde da escola, quando não têm aquelas reuniões que se prolongam bem para além do fim da tarde.

Carla Dias

